

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DASILVA ORAÇA, Limit.º

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 43—LISBOA

O DESPERTAR DO BICHO



—O' com os diabos! e eu a imaginar que ele estava a dormir!

PALESTRA AMENA

Criminosos

Viram o último número do *Seculo Comico*? Não viram os senhores outra coisa! Repararam naquelas manchas brancas, retangulares, que davam ás alegres colunas do feliz semanario o aspecto de luto chinês, como se uma familia inteira tivesse falecido? Viram, decerto e estranharam, não encontrando explicação para o facto.

Pois então aí vai a explicação. A censura cortou-nos a composição correspondente ás manchas brancas, porque nunca em periodico portuguez se escrevera coisa mais desbragada, mais desvergonhada! O *Seculo Comico*, este primor de boa educação que é a honra da nossa imprensa, esta delicadissima folha que não belisca sem luvas, que não deixa da beliscadura senão um leve sinal côr de rosa, apagado rapidamente com uma fricção de essencia de violeta, este diplomata capaz de dar lições de cortezia ao mais pintado—descarrilou a semana passada, empregou linguagem de carroceiro, foi brutal, foi criminoso!

Confessamos. A censura andou bem. Deixar circular as enormidades venenosas que se haviam impresso o mesmo seria que sancionar a desordem, a provocação aos peores atentados.

Mas—pensará o leitor—como se explica tal procedimento, tal contraste entre o *Seculo Comico* que todas as semanas nos entra em casa com mil atenções e o que d'esta vez queria penetrar, de bacamarte aperrado, descompondo, tão desorientado que a autoridade official teve de intervir violentamente?

Explica-se dum modo muito facil. E' que o *Seculo Comico* da semana passada foi, todo ele, escrito pelo nosso colaborador Manecas, muito inexperiente das coisas politicas e dado a franquezas que lhe hão de passar com a idade. O Manecas é um ingenuo; o Manecas nasceu precisamente quando se apregoavam os bons e são principios da liberdade e com esse pregão foi acalentado; o Manecas não está habituado a occultar o que pensa; escreve sem reboços e como seus paes o educaram nas regras da civilidade imagina que as suas palavras, como os seus pensamentos, não podem ferir ninguem. Criança!

Bom. Que ao pequeno fique de emenda. Não o pomos fóra da redacção, porque é um elemento valiosissimo, pela sua graça e pelo bom senso que manifesta a cada instante. Advertimolo, porém, de que não deve brincar com coisas sérias e de que a sua sinceridade nunca terá apreciadores. Quando chegar á maior idade reconhecerá a excelencia destes conselhos e entretanto, se reincidir, será despedido sem a menor contemplação e mandado para fóra do territorio patrio—provavelmente para Paris, a dirigir alguma publicação illustrada, com ordenado pingue e exclusivo da gravura e da toleima.

J. Neutral.

Exemplo a seguir

Um dos membros do governo de uma nação aliada teve a seguinte delicada lembrança: distribuir, da sua algibeira particular, dinheiro pelos funcionarios do seu ministerio, para não sobrecarregar o tesouro com aumento de despeza.

Agora é que se sabe porque, tendo



aumentado 100 por cento o custo da vida actual, ainda os nossos ministros se não lembraram de aumentar os ordenados aos empregados publicos. E' que, á semelhança do benemerito a que nos referimos, tencionam beneficia-los pessoalmente, participando com eles os proprios haveres.

E' que não é outra coisa.

Atribuições governamentais

Isto de se supor que os governos tem obrigação de remediar todas as asneiras que cada um faz, tambem ha de acabar um dia.

Os portuguezes, como lá fóra se paga bem o nosso vinho, desataram a plantar bacelo em toda a parte: por qualquer circumstancia o vinho não tem saída—é ao governo que recorrem, tornando-o até responsavel pelo precalço, como se fôsse este o vinhateiro.

Não semearam trigo—o governo que lhes apresente pão, ali, a preta; o governo é que tem culpa da falta de cereal.

Os patrões não dão aos operarios o



suficiente para estes viverem—o governo que dê providencias.

O carteiro não entrega a correspondencia a tempo e a horas—foi o sr. Afonso Costa.

Está um calor de rachar—são manigancias estrategicas do sr. Norton de Matos.

Os meninos ficam reprovados nos exames: os paes atiram-se ao sr. ministro da instrução

Ainda havemos de ouvir censurar o governo porque as subsistencias não aumentam proporcionalmente ao crescimento da população, como se fôsse ele que a fizesse crescer!

Deitar cedo

O sabio naturista dr. Amilcar de Sousa louva a suspensão de garantias—e que não louvasse!—não por via da segurança publica, como poderia julgar-se á primeira vista, mas porque é muito higienico o deitar-se uma pessoa cedo.

Copiemos:

«Dizem estar a vida impossivel? Não é verdade. Cada qual pôde libertar-se de muitas enganadoras miragens se secundar a autoridade (o que ela hoje ditatorialmente ordena) e amanhã o tomar por uso e regra. Deitar cedo é vencer na vida. O sono é o grande reparador da natureza. Quem dorme adquire energia.»

Efetivamente sempre temos ouvido dizer que corpo deitado aguenta muita fome.

Por consequencia, dormir, sonhar...

Crianças espertas

O avô, pretendendo pelo neto saber da vida dos pais d'este:

— Então teu pai e tua mãe não se costumam zangar?



— Costumam, avôsinho.

— Muito?

— Só lhe digo isto, avôsinho: lá em casa parece que ha todos os dias sessões secretas!

Contos do vigário

Com a denominação de «Contos do vigário» narram os jornais que certos cidadãos que se empregam usualmente a amolar facas e tesouras barbeiam e limpam os dentes ás pessoas recém-chegadas a Lisboa, pedindo-lhes depois da operação a quantia de vinte escudos.

E o melhor é que a policia se tem intrometido no caso, como se cada um não pudesse pedir pelo seu trabalho o dinheiro que lhe parecer e como se não houvessem barbas e dentes cujo tratamento não mereça muitos escudos!

Os senhores parece que nunca viram a barba do sr. Alfredo Magalhães nem os dentes do sr. Urbano Rodrigues!

O Lacrima-Cristi

(Continuação)

Em seguida mandou chamar o notario, que era grande apreciador de vinhos e pediu-lhe que provasse d'uma garrafa a fim de dizer a sua opinião.

Sentaram-se á mesa todos os convivas, Julio distribuiu copos e antes mesmo da sopa ergueu um brinde á memoria do tio, que tinha legado semelhante tesouro.

O notario saboreou placidamente e afirmou que um tal netar valia pelo menos dez libras cada garrafa.

—Tem muitas? perguntou.

—Umas setecentas, respondeu Julio.

Ao ouvir isto, Paulo entrou de subito e exclamou:

—Alto! Quando fizemos as partilhas não sabia que existia esse vinho... Vamos fazer novas partilhas.

—Isso é que não, replicou Julio. Aceitei as tuas condições sem dizer palavra. O que está feito, está feito.

—Ouve lá: sempre te quero dizer que havia umas tres mil libras em dinheiro, que me esqueci de declarar e que depositei na mão do sr. notario, aqui presente.

—Bem, disse Julio. Seja assim.

Paulo foi imediatamente buscar as tres mil libras que recolhera do sacco do tio e combinou com o irmão comparecerem na manhã seguinte no cartorio do notario. Os convivas retiraram-



se impressionadíssimos com o estranho acontecimento.

Julio deixou-se ficar no pardieiro e Paulo, desconfiado, não saiu de ao pé da janela, com receio de que durante a noite o irmão subtraísse algumas das preciosíssimas garrafas.

Ao romper do dia, cheio de fadiga, adormeceu. Julio, que tinha passado a noite em misteriosas tarefas, levantou-se cedo e saiu — coisa extraordinária! — pela janela. De aí a pouco os dois irmãos encontravam-se no cartorio do notario e Julio recebia metade do dinheiro, com a legitima satisfação de quem recebia o que era muito seu.

Sairam, depois de combinar com o notario um encontro para de aí a poucas horas, na adega, a fim de se contarem as garrafas e de se repartirem. Julio, pretextando ter que fazer urgentemente, separou-se do irmão.

—O Julio, pensou este, disse que havia pouco mais ou menos setecentas garrafas, logo não sabe o numero exacto. Ora se eu tirar uma duzia ele não dá por isso e são mais de cem libras que eu meto na algibeira...

Deu volta á chave da porta da ade-

EM FOCO



O PRIOR

Entra amanhã o mez das romarias,
O alegre tempo do prior bréjeiro;
Já se tiram chouriços do fumeiro,
Escolhem se os leitões, as iguarias.

Entretcem fogaças as Marias;
A rosmaninho enfeita-se o terreiro;
Já se levantam mastros; o gaiteiro
Ensaia á noite novas melodias.

A confessar as moças lá da aldeia
Passa o prior os dias bem passados
E ao recolher á cama, após a ceia

Emquanto se digerem os guisados,
Calcula satisfeito, (e saboreia,)
Que terá uns duzentos batizados...

BELMIRO.

ga, tentou empurrá-la e percebeu que lhe oferecia resistencia. Impaciente, meteu-lhe os hombros, primeiro cautelosamente, mas depois violentamente, até que a porta—zás!—cedeu com horrivel barulho de vidros quebrados. Eram as garrafas que Julio tinha empilhado por traz da porta e que Paulo acabava de deitar ao chão! O patife ficou a tremer de colera e de pena ao ver que nem uma garrafa tinha escapado e que o liquido estava todo derramado.

N'esse momento apareceram Julio e o notario. Não havia meio de negar; Paulo tinha quebrado não só as garrafas que lhe pertenciam mas tambem as do irmão. Havia uma testemunha official.

Paulo, para indemnizar o irmão, foi obrigado a entregar-lhe o dinheiro recebido e Julio, como era a bondade em pessoa, deu-lhe o casebre da adega, julgando sufficiente a lição.

Trad.

Toquem os sinos

A ultima novidade, a de mais sensação é a seguinte: o sr. ministro da instrução publica assistiu ha dias aos exames d'alguns alunos no liceu Gil Vicente.

Não sabemos o resultado da visita, mas já agora aconselhamos o sr. mi-

nistro a que, no proximo ano lectivo visite tambem as aulas de vez em quando e fazemos votos por que o exemplo alastre aos seus sucessores d'aquella e das outras pastas.

Duplo efeito: os professores redobram de cuidado no ensino e os srs. ministros sempre vão aprendendo alguma coisa do curso secundario.

O numero 5

Era uma vez uma senhora americana que teve quatro maridos, o ultimo dos quais de apelido Folkembourg. Pois essa senhora achando-se muito necessitada de quinto marido vai casar — ao que relatam de Roma — com o ex-infante D. Afonso de Bragança, de atropeladora memoria.

E' claro que a noticia não pôde se não alegrar-nos, o que não aconteceria se vigorasse ainda o antigo regime. Ao menos com a Republica não teremos que sustentar a sr.^a Folkembourg e os seus ex.^{mos} meninos.

Grande sigilo

Noticia-se em segredo que na America do Norte, vai ser fabricado, sob a direcção de Edison, um maravilhoso aparelho que levará dez mezes a construir e que porá termo á guerra actual. O recinto da fabrica estará fechado durante esse tempo, os operarios não sairão de lá — emfim, tudo se fará tão misteriosamente que já não ha ninguem na Europa que não saiba que vão começar os trabalhos, transpirando mais, apenas, que eles durarão dez mezes, que se trata de uma maquina de guerra, que foi inventada por Edison e que esmagará os inimigos dos aliados.

Só isto — que decerto não chegará aos ouvidos dos alemães, tão cuidadosamente se tem occultado.

A guerra e o naturismo

Ora até que aparece uma pessoa que diz bem da guerra: é o illustre madurista dr. Amilcar de Sousa, que atribue a guerra actual e todas as outras ao facto do homem comer carne. E' essa a causa da ferocidade humana, do que nos permitimos duvidar: se comessesmos figado de leão, carne de tigre e doutras feras, compreender-se-ia o nosso instinto de crueldade. Mas como acreditar que quem come carne de galinha, de ovelha, de rola e doutros seres igualmente inofensivos sinta desejos de matar o seu semelhante?

Emfim, o dr. Amilcar afirma que se só comessesmos frutos a guerra acabaria. De aí concluímos nós que a diplomacia facilmente poria termo a esta guerra.

Como? perguntarão os menos ricos de entendimento.

Facilmente. Quem é o causador da guerra? O kaiser. Pois bem: mandemno comer duas pêras e a paz reinará sobre a terra.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

8.ª PARTE A RESURREIÇÃO DO MANEQUINHAS 1.º EPISÓDIO

(CONTINUAÇÃO)



1.—Gulado pelo misterioso Grão de Bico, este e o Manecas vão sair em Lisboa, à calçada da Glória, que pelo que se vê tem comunicação com o fundo dos mares.

2.—O coração do Grão de Bico tem um rebate de arrependimento. Caindo aos pés do Manecas, o Grão confessa-lhe—ó surpresa!—que é o Manequinhas, o extraviado irmão mais novo do Quim e do Manecas.



3.—Logo Manecas telefona ao Quim relatando o encontro e a vida aventureira do Manequinhas, levado a alistar-se na quadrilha por influencia de más companhias. Mas quem recebe a comunicação é o famigerado Homem dos olhos tortos.

4.—Tocante quadro! O Manequinhas conta ao irmão como fôra arrastado ao crime: a fome e a má cabeça tinham sido a sua perdição.



5.—Passam-se dias e nada de novas do Quim. Estará preso pelos bandidos? Certa manhã o Manecas lê no *Seculo* as sensacionais missivas de Gil Goes, com relação ao misterio da rua Saraiva de Carvalho...

6.—N'isto, entra-lhe pela janela uma pedra suspelta embrulhada em papel igualmente suspeito e como não lhe seja possível decifrar o que traz escrito, em lingua desconhecida, recorre ao Manequinhas.

(Continue).